

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Myrian Luisa Cipriano

**Comunicação, cultura e resistência: um estudo de caso da Ocupação 9
de julho a partir da analítica decolonial**

São Paulo, julho de 2023.

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Comunicação, cultura e resistência: um estudo de caso da Ocupação 9 de julho a partir da analítica decolonial

Myrian Luisa Cipriano¹

Orientador: Prof(a). Dr(a). Fabiana Felix do Amaral e Silva.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista Mídia, Informação e Cultura

São Paulo, julho de 2023.

¹Graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade em Propaganda pela Universidade de Taubaté (2017). Foi pesquisadora bolsista pelo CNPq (2015 e 2016). Publicou um artigo sobre Economia Colaborativa pela Universidade Federal de Goiás (2018). Atualmente é pós-graduanda em Mídia Informação e Cultura no CELACC – Universidade de São Paulo.

COMUNICAÇÃO, CULTURA E RESISTÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO DA OCUPAÇÃO 9 DE JULHO A PARTIR DA ANALÍTICA DECOLONIAL²

Myrian Luisa Cipriano

Resumo: Esse artigo estuda o Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) a fim de entender como a comunicação e a cultura nas ações vinculadas ao projeto cozinha aberta da Ocupação 9 de Julho contribuem com o processo de descriminalização do movimento ao legitimar suas práticas e ações. A analítica decolonial (MIGNOLO, 2017) (QUIJANO, 1997) contribui para legitimar novas formas de viver que tensionam o poder, como propõe o movimento em questão. ‘Neodesenvolvimentismo antiurbano’ e ‘inclusão perversa ou marginal’ auxiliam na contextualização da luta por moradias urbanas populares em São Paulo. A democracia comunicativa foi capaz de abranger novas formas de comunicação, incluindo linguagens, técnicas e contextos e na Ocupação 9 de Julho se faz presente. A pesquisa realizada junto ao MSTC baseou-se na sistematização de experiências das ações realizadas no âmbito do projeto cozinha aberta da Ocupação 9 de Julho e teve como objetivo responder se o movimento é um exercício decolonial na modernidade, como suas ações auxiliam na descriminalização do movimento e identificar quais são as lacunas e demandas no processo de comunicação do MSTC para então contribuir com o movimento.

Palavras-chave: decolonial, democracia comunicativa, comunicação popular, movimento de moradia, MSTC.

² Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura.

COMMUNICATION, CULTURE, AND RESISTANCE: A CASE STUDY OF THE 9 DE JULHO OCCUPATION FROM A DECOLONIAL ANALYTICS

Abstract: This article studies the Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) in order to understand how communication and culture in actions related to the open kitchen project of the July 9 Occupation contribute to the process of decriminalizing the movement by legitimizing its practices and actions. Decolonial analytics (MIGNOLO, 2017) (QUIJANO, 1997) contribute to legitimizing new ways of living that challenge power, as proposed by the movement in question. ‘Neodesenvolvimentismo antiurbano’³, ‘perverse or marginal inclusion’ help contextualize the struggle for popular urban housing in São Paulo. Communicative democracy has been able to embrace new forms of communication, including languages, techniques, and contexts, and it is present in the July 9 Occupation. The research carried out with MSTC was based on the systematization of experiences from actions carried out within the scope of the "Cozinha Aberta da Ocupação 9 de Julho" project and aimed to answer whether the movement is a decolonial exercise in modernity, how the actions contribute to the decriminalization of the movement, and to identify what the gaps and demands are in the communication process of MSTC in order to contribute to the movement.

Keywords: decolonial, communicative democracy, popular communication, housing movement, MSTC.

COMUNICACIÓN, CULTURA Y RESISTENCIA: UN ESTUDIO DE CASO DE LA OCUPACIÓN 9 DE JULIO DESDE LA ANALÍTICA DECOLONIAL

Resumen: Este artículo estudia el Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC) con el objetivo de comprender cómo la comunicación y la cultura en las acciones vinculadas al proyecto cocina abierta de la Ocupación 9 de Julio contribuyen al proceso de descriminalización del movimiento al legitimar sus prácticas y acciones. El análisis decolonial (MIGNOLO, 2017) (QUIJANO, 1997) contribuye a legitimar nuevas formas de vida que desafían el poder, tal como propone el movimiento en cuestión. El ‘neo-desarrollismo antiurbano’ y la ‘inclusión perversa o marginal’ ayudan a contextualizar la lucha por viviendas populares en São Paulo. La democracia comunicativa ha sido capaz de abarcar nuevas formas de comunicación, incluyendo lenguajes, técnicas y contextos, y se hace presente en la Ocupación 9 de Julio. La investigación realizada con el MSTC se basó en la sistematización de experiencias de las acciones llevadas a cabo en el marco del proyecto "Cozinha Aberta da Ocupação 9 de Julho", y tuvo como objetivo responder si el movimiento es un ejercicio decolonial en la modernidad, cómo las acciones contribuyen a la descriminalización del movimiento e identificar cuáles son las brechas y demandas en el proceso de comunicación del MSTC para así contribuir al movimiento.

Palabras clave: decolonial, democracia comunicativa, comunicación popular, movimiento de vivienda, MSTC.

³ “Anti-urban neo-developmentism” (tradução da autora)

Introdução

É domingo, próximo ao horário de almoço e pessoas estão entrando pela pequena porta na rua Álvaro de Carvalho na altura do número 427, centro de São Paulo. A recepção é calorosa numa das ocupações do Movimento Sem-Teto do Centro e logo na entrada você deixa seu nome. Com muitas plantas e árvores que dão um clima diferente ao centro de São Paulo, é possível ver até uma horta que abastece a cozinha dessa mesma habitação, a Ocupação 9 de Julho. A diversidade de pessoas é marcante e aos poucos o espaço se ocupa. O evento principal é o almoço da Cozinha da Ocupação 9 de Julho, que foi divulgado uma semana antes pelo *Instagram* com um chef convidado, geralmente uma pessoa pública e midiática⁴. Os alimentos são orgânicos e fruto de agricultura familiar produzidos e distribuídos pelo Movimento Sem-Terra. Os movimentos formam uma rede, cada qual com a sua pauta a fim de subverterem a lógica vigente. Seria esse um exercício da decolonialidade na modernidade? Essa pergunta é a chave para o que essa pesquisa busca compreender, além de entender como a comunicação auxilia no processo de descriminalização⁵ da Ocupação 9 de Julho - a ocupação do MSTC que mais recebe eventos abertos ao público.

A busca por essas respostas é desenvolvida através da sistematização de experiências proposta por Oscar Jaara Holliday (2000) e a partir da analítica da decolonialidade de Walter Mignolo (2017). A escolha da teoria decolonial para essa pesquisa é para compreender a realidade latino-americana através de suas raízes ao elucidar os elementos estruturais de dominação e poder. Existe o modelo da modernidade que conduz uma forma de vida e a analítica decolonial nessa pesquisa traz um olhar centrado nos movimentos de moradia, uma vez que, tensionando os padrões coloniais, outras formas de viver ganham espaço. Além disso, a comunicação é uma ferramenta a que essa pesquisa voltou o seu olhar, pois a criminalização de movimentos sociais foi construída com o auxílio da mídia brasileira, visto que a maior concentração midiática são empresas privadas, priorizando historicamente atores comerciais e prejudicando a expansão da democracia nesse espaço (DEMARCHI, 2017).

⁴ Paola Carosella (chefe de cozinha e apresentadora), Anelis Assumpção (cantora e compositora), Carmem Virginia (apresentadora do GNT), João Gordo (músico e apresentador), entre outros. Fonte disponível no Instagram da Ocupação 9 de Julho (@cozinhadaocupacao9dejulho).

⁵ Svampa explica que a criminalização de movimentos sociais ocorre juntamente com o aprofundamento do neoliberalismo: “la criminalización de la protesta social ha sido - y continúa siendo - una de las variables configuradoras de la política neoliberal en América Latina.” (SVAMPA, 2007, p. 10)

A colonialidade, um termo introduzido pela primeira vez por Anibal Quijano⁶, é um conceito que caracteriza um projeto “da ideia da modernidade e do seu lado constitutivo e mais escuro, a colonialidade, que surgiu com a história das invasões europeias de Abya Yala, Tawantinsuyu e Anahuac, com a formação das Américas e do Caribe e o tráfico maciço de africanos escravizados.” (MIGNOLO, 2017, p. 2). Colonialidade já é em si um conceito ‘decolonial’.

A perpetuação do discurso de "descobrimento" atenuou o que foi a tragédia colonial, segundo Maldonado-Torres (2018, p.10). Além de encobrir a apropriação de terras, recursos e as suas consequências, com o avanço das técnicas⁷o colonialismo toma outra forma para continuar operando, chamada modernidade. Para essa pesquisa esse conceito se faz importante pois a territorialidade é o argumento chave do MSTC, movimento que atua na maior metrópole da América⁸ onde a modernidade faz-se presente.

Para autores decoloniais como o brasileiro Maldonado-Torres e o argentino Mignolo, o fim do período de colonização não significa, de fato, seu fim. De formas diferentes, eles escrevem "O fim do colonialismo não representa o fim da colonialidade" (MIGNOLO, 2017). Para Maldonado-Torres:

"primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política" (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 4)

A modernidade coexiste com a colonialidade, pois estruturas do passado constituem problemas que persistem. O despojamento da identidade do Ser, Poder e Saber é produto de uma matriz colonial que detém subjetividades. O conceito de matriz colonial de poder definido por Mignolo (2017) demonstra um mundo construído de maneira eurocentrada partir de narrativas ideológicas, classificações e padronizações, formas de poder e hierarquizações próprias e que constituem o que entendemos hoje como modernidade

⁶ “A “colonialidade” é um conceito que foi introduzido pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, no final dos anos 1980 e no início dos anos 1990.” (MIGNOLO, 2017, p. 2)

⁷ Milton Santos escreve sobre técnicas em *Por uma outra globalização*: “As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa” (2000, p. 10). Acrescenta ainda que especificamente a “técnica da informação alcança a totalidade de cada país, direta ou indiretamente” (idem, p. 13)

⁸ De acordo com a ONU a maior cidade do continente americano é São Paulo, com 22 milhões de habitantes. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/960546/as-20-maiores-cidades-do-mundo-em-2021>

não há modernidade sem colonialidade. Por isso, a expressão comum e contemporânea de “modernidades globais” implica “colonialidades globais” no sentido exato de que a MCP é compartilhada e disputada por muitos contendores: se não pode haver modernidade sem colonialidade, não pode também haver modernidades globais sem colonialidades globais. (MIGNOLO, 2017, p. 2)

O Brasil foi o último país da América a passar pelo processo de abolição da escravatura⁹, o último país também a formar uma república democrática. Além disso, a “lei de terras” assinada pelos colonizadores determinou a história de concentração fundiária no Brasil e, em 1850, foi estabelecido que o país tivesse sua zona rural dividida em latifúndios, não dando espaço para pequenas propriedades¹⁰. Essa lei impediu também que ex-escravizados tivessem acesso à terra.

O processo de exclusão social ocorre quando o *status quo* define quem e quais grupos terão acesso a determinadas realidades, segregando e isolando até que isso se normalize numa sociedade. “Inclusão perversa ou marginal” é um conceito que se aproxima dessa prática, escrito pela primeira vez por Maria Alice Foracchi (1974) e reunido por Sawaia (2001) em uma obra em que ela busca entender as raízes de doenças psico-sociais que dão origem à exclusão de determinados grupos.

O direito à moradia digna é constitucional, porém no Brasil há mais de 6 milhões de famílias sem uma moradia digna¹¹. Movimentos como o MSTC agem junto ao governo e a sociedade civil, promovendo debates e levantando reivindicações para que a Lei 4504 Art. 12 sobre o uso da propriedade privada da terra com obrigatoriedade de função social condicionado ao bem-estar coletivo seja cumprida. A luta por moradias dignas e acessíveis no centro de São Paulo é também uma luta de inclusão, de mais acesso a transporte, cultura e lazer, porém esse espaço foi determinado para quem tem mais dinheiro para moradia, retrato da especulação imobiliária que prosperou nos últimos três anos¹².

⁹GARCIA, Maria Fernanda. Brasil foi o último país do continente a abolir a escravidão. Observatório do Terceiro Setor, São Paulo - SP, 13 de maio de 2022. Disponível em: [¹⁰WESTIN, Ricardo. Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios. Agência Senado. Brasília - DF. 14 de setembro de 2020. Disponível em: \[¹¹COLOSSO, 2022, p. 216-217.\]\(https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=No%20Segundo%20Reinado%2C%20o%20Brasil,e%20n%C3%A3o%20em%20pequenas%20propriedades. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.</p></div><div data-bbox=\)](https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-foi-o-ultimo-pais-do-continente-americano-a-abolir-a-escravidao/#:~:text=Brasil%20foi%20o%20%C3%BAltimo%20pa%C3%ADs%20do%20continente%20americano%20a%20abolir%20a%20escravida%C3%A3o,-Maria%20Fernanda%20Garcia&text=A%20Lei%20%C3%81urea%2C%20oficialmente%20Lei,ilegal%20a%20escravida%C3%A3o%20no%20Brasil. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.</p></div><div data-bbox=)

¹²MOISÉS, José Álvaro. Colocar governo em xeque é fundamental para a democracia. Jornal da USP. São Paulo – SP. 11 de julho de 2017. Disponível em <https://jornal.usp.br/?p=100024>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

Nessa pesquisa nos interessa o processo de comunicação do MSTC para além da técnica e da mídia e, para isso, os livros *Comunicação e cultura de minorias* de Raquel Paiva e Barbalho e *A ciência do comum: notas para um método comunicacional* de Muniz Sodré auxiliaram no entendimento das muitas formas do fazer comunicação, para além de sua instrumentalização e também como espaço de resistência. O participante da pesquisa é a Ocupação 9 de Julho e, por se tratar de um movimento de moradia, a territorialidade e legitimação de outras formas de viver são questões centrais. O método utilizado foi o de sistematização de experiências proposto por Oscar Jaara Holliday, pois é um método que viabilizou responder às questões propostas e, principalmente, que contribuiu com o movimento de forma que eles participassem ativamente do processo. Para isso, foi feito um encontro inicial para a sistematização de experiências e, a partir disso, outros encontros foram realizados com o intuito de ouvir, entender, e começar a contribuição que foi proposta a partir dessa pesquisa. Por fim, para que haja um olhar decolonial, trago conceitos que foram cunhados por autores latino-americanos com a intenção de contribuir com o movimento de forma participativa.

Mignolo escreve que o pensamento decolonial tem o “intuito de superar, a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade” (2017, p. 6). Com o avanço das técnicas, o território digital e midiático se transforma num ambiente de oportunidades, que entra em disputa. Para Sodré, “os acordos de interconexão da internet não originam apenas um tráfico de mensagens, mas principalmente de dinheiro.” (2014, p. 61). Além da disputa territorial, os movimentos sociais também disputam espaços midiáticos a fim de que suas reivindicações sejam ouvidas. Com isso, a sistematização de experiências nos conduz a encontros com o intuito de ter uma compreensão mais profunda, que transformada em reflexão possa atingir experiências que realmente faça sentido para Ocupação 9 de Julho.

O artigo se estrutura em cinco seções. Em primeiro lugar é apresentada a metodologia de pesquisa: sistematização de experiências e a justificativa deste método para essa pesquisa. Em segundo, a problematização e marcos teóricos: no primeiro tópico contextualiza-se a cidade de São Paulo e os processos que o levaram a formar ocupações de moradia. Para isso, o artigo fundamenta-se nas teorias Neodesenvolvimentismo antiurbano de Colosso (2019), Inclusão marginal de Martins (1997) e Inclusão perversa de Sawaia (2001), em seguida a autora desenvolve sobre a Comunicação como ferramenta política nos movimentos sociais, como que isso mudou com o avanço das técnicas. Na terceira seção, a pesquisadora apresenta o Movimento Sem-Teto do Centro e seus projetos, trazendo à pesquisa mais clareza sobre a estruturação do movimento e a sua história. Em um quarto momento, a pesquisadora relata a

experiência da pesquisa e expande sobre os cinco tempos propostos por Holliday (2006) aplicados ao MSTC com a participação de três membros do movimento e são apresentados os resultados da experiência e as contribuições que foram elaboradas a partir desse artigo. Por último, na quinta seção apresenta-se as considerações finais, respondendo se as práticas do Movimento Sem-Teto do Centro, dentro do olhar dessa pesquisa, são um exercício da decolonialidade na modernidade e entendendo como a comunicação auxilia no processo de descriminalização do MSTC.

1. Metodologia

Sistematização de experiências

A sistematização de experiências escrita por Oscar Jaara Holliday (2006) propõe um método participativo e que contribua com o participante de pesquisa, construindo coletivamente conhecimentos colocando em destaque as necessidades descobertas durante o processo para além da relação pesquisador-fenômeno investigado. Para Holliday, a sistematização identifica elementos da prática para classificá-los e reordená-los, “faz-nos objetivar o vivido” (2006, p. 2), a própria experiência se torna objeto de estudo. É interessante salientar que a sistematização não se atenta apenas aos acontecimentos da prática, mas também às interpretações que os sujeitos têm sobre eles, constituindo um espaço onde os participantes encontram-se confortáveis.

De maneira muito sintética poderíamos resumir as múltiplas possibilidades e utilidades da sistematização do seguinte modo: ter uma compreensão mais profunda das experiências que realizamos, com o fim de melhorar nossa própria prática; compartilhar com outras práticas semelhantes os ensinamentos surgidos com a experiência; conduzir à reflexão teórica (e em geral à construção de teoria) os conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas. (HOLLIDAY, 2006, p. 29)

Na presente pesquisa contamos com a participação de três membros, nomeamos de Participante 1 a principal líder do MSTC; Participante 2, a coordenadora da Ocupação 9 de Julho e Participante 3, um membro e ativista cultural que está à frente do CineOcupa. Algumas questões iniciais são importantes para a sistematização como:

Quem sistematiza: A Ocupação 9 de Julho do Movimento Sem-Teto do Centro.

Objetivo da sistematização: Investigar se o MSTC exerce a decolonialidade na modernidade dentro dos conceitos que essa pesquisa apresenta; entender como as ações culturais na Ocupação 9 de Julho contribuem para descriminalizar o movimento e identificar potenciais ações de comunicação.

Delimitação do objeto a ser sistematizado: A experiência da cozinha da Ocupação 9 de Julho aos domingos e os projetos secundários que estão atrelados à essa experiência.

O eixo de sistematização: O trabalho da cozinha da Ocupação 9 de Julho como ferramenta de descriminalização e abertura de portas para que novas pessoas conheçam o movimento de dentro.

O autor sugere um método de cinco tempos a fim de iniciar uma sistematização mais concreta e objetiva, porém não há uma única maneira ou a maneira correta de fazer uma sistematização. Os cinco tempos em questão são: o ponto de partida; as perguntas iniciais; recuperação do processo vivido; a reflexão de fundo e por fim, os pontos de chegada. Também deve-se levar em conta que os elementos subjetivos são importantes nesses primeiros passos da sistematização como, por exemplo, na presente pesquisa foi construída uma relação antes mesmo do interesse da pesquisa existir e isso proporcionou maior abertura dos participantes nos encontros de campo.

2. Problematização e marcos teóricos

São Paulo: neodesenvolvimentismo antiurbano e inclusão perversa ou marginal

São Paulo se tornou a cidade brasileira mais populosa em 1954¹³. Apesar disso, a questão da moradia foi negligenciada em favor de outras prioridades definidas pelos governantes na época e a cidade cresceu desde o limite do município para abrigar pessoas que vinham de outras regiões do Brasil com a promessa de uma vida melhor, porém não havia nem saneamento básico nas regiões periféricas que tinham acabado de surgir.

A extensão adquirida pela urbanização precária, associada às muitas possibilidades que se abriram aos agentes de sua construção, associada também à dificuldade do poder público de investir em políticas públicas capazes de fazer face à situação é,

¹³MEYER; PEREIRA GALVAO; RUBIO LONGO. 2015, p. 10.

desde a década de 1950, a mais grave questão sócio-espacial de São Paulo. (MEYER; GALVAO; LONGO. 2015, p. 10)

Com a divisão entre centro-periferia, a expulsão de classes baixas de regiões centrais fazia parte de um procedimento nomeado por Harvey (2005, apud. Amaral e Silva; Maciel, 2021) de “acumulação por desposseção”, que são uma série de requisitos com o interesse de promover a valorização do espaço geográfico. Outros fenômenos também contribuíram para que a divisão geográfica e de classes se fortificasse. As seguintes crises econômicas, como a de 2008 nos Estados Unidos, chegou no Brasil e atingiu diretamente a questão da moradia.

No período de 2008 a 2016 passamos por um período denominado por Colosso de *Neodesenvolvimentismo antiurbano*, onde uma série de ações do governo pioraram os fatores de vida nos centros urbanos, com os "planos de medidas contracíclicas e de investimentos em setores estratégicos" (COLOSSO, 2019, p. 212), iniciou-se uma política habitacional de construção de milhares de imóveis¹⁴ entre os anos de 2009 e 2015. O mesmo programa, porém, trouxe aumento no preço dos imóveis e dos aluguéis e, conseqüentemente, aumento do custo de vida nos grandes centros. O *boom* imobiliário não acompanhou o poder de compra do real e, assim, os assalariados foram lançados ainda mais para a periferia. Este é um exemplo que mostra que políticas públicas pontuais não mudam estruturalmente um problema existente há anos. Além disso, pode causar contratempos: um dos resultados foi a crise institucional na política brasileira e a conseqüente eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro com um discurso que descredibilizava as instituições públicas.

Políticas de moradia, dependendo da forma como são conduzidas, podem se tornar um meio de incluir perversamente a população. O trecho que vimos no parágrafo anterior é um exemplo disso. Martins (1997), sociólogo crítico do termo “exclusão”, explica que todos os indivíduos numa sociedade capitalista estão incluídos em uma posição que corrobora, sem direito de escolhas do indivíduo, com o capitalismo: “[...] a palavra exclusão nos fala, possivelmente, de um lado, da necessidade prática de uma compreensão nova daquilo que, não faz muito, todos chamávamos de pobreza.” (MARTINS, 1997, p. 28)

A exclusão – termo utilizado por Sawaia – ou desenraízação – termo utilizado por Martins – existe para que a inclusão também exista. O sistema exige forçadamente que a estrutura social se mantenha, mesmo que isso custe vidas e a natureza, com a intenção de que a dinâmica financeira tenha mais força. Esse processo acontece desde a colonização e se

¹⁴ “[...] foram contratadas mais de 4 milhões de unidades”. (COLOSSO, Paolo. 2022, p. 212)

fortaleceu com o estabelecimento do capitalismo. No final dos anos 1990, Martins apontava que esse processo estaria se tornando um padrão.

“A sociedade moderna está criando uma grande massa de população sobrando que tem pouca chance de ser de fato reincluída nos padrões atuais de desenvolvimento econômico. Em outras palavras, o período da passagem do momento da exclusão para o momento da inclusão está se transformando num modo de vida, está se tornando mais do que um período transitório.” (MARTINS, 1997, p. 33)

No começo da virada do século, Sawaia (2001) reforça que a “exclusão” é um processo da modernidade e acrescenta perspectivas da psicologia para explicar como o afeto e as emoções são fenômenos históricos, nomeado pela autora de *sofrimento ético-político*¹⁵ e que variam de acordo com raça, gênero, idade e classe. Essa dinâmica entre inclusão e exclusão demonstra como a sociedade pode existir como um sistema, constatando que se trata de um projeto que transpassou sistemas políticos e econômicos.

A sociedade exclui para incluir e esta transmutação é a condição da ordem social desigual, o que implica o caráter ilusório da inclusão. Todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das provações, que se desdobram para fora do econômico. (SAWAIA, 2001, p. 8)

A pobreza e a consequente inclusão perversa ou marginal atingem fortemente o MSTC, sendo o território um espaço de disputa, característica considerável em movimentos sociais na América Latina segundo Maristella Svampa (2007). A força motriz do MSTC é a luta por moradia digna e, para além disso, pela legitimação de outras formas de viver. A pesquisa propõe uma investigação da Ocupação 9 de Julho e de seus projetos culturais que tem como intuito descriminalizar o movimento que existe desde 2000 e já ocupa mais de 10 prédios abandonados em São Paulo. Atuantes na mobilização e na organização das famílias sem teto, o movimento transforma lugares abandonados em lares com função social. A escolha do participante da pesquisa ocorre por dois motivos: o primeiro é por ser uma ocupação parte de um movimento social consolidado com gestão compartilhada¹⁶ — o MSTC teve sua última grande conquista ocorrido em janeiro de 2023, com uma ocupação se transformando em um residencial de moradias populares através do Minha Casa Minha Vida¹⁷; e, em segundo, por

¹⁵Em contraponto, Sawaia explica a *felicidade ético-política* que “é sentida quando se ultrapassa a prática do individualismo e do corporativismo para abrir-se à humanidade.” (SAWAIA, 2001, p. 105)

¹⁶ Atados. MSTC – Movimento Sem Teto do Centro. São Paulo. Sem data. Disponível em: <<https://www.atados.com.br/ong/mstc/sobre>> Acesso em 5 de janeiro de 2023.

¹⁷ BITAR, Renata. Residencial Cambridge: 11 anos após ocupação, antigo hotel de luxo no Centro de SP vira conjunto de moradias populares. Portal G1. São Paulo. 26 de janeiro de 2023. Disponível em:

ser um movimento que têm construído sua imagem através de eventos culturais e suas lideranças.

‘Neodesenvolvimentismo antiurbano’ e ‘inclusão perversa ou marginal’ são dois conceitos que são capazes de explicar os fenômenos em torno dos movimentos sociais de moradia sob a analítica da decolonialidade. Devido à complexidade do tema, ao decorrer da pesquisa foram abordados também outros conceitos, preferencialmente de autores e autoras que desenvolvem a singularidade latino-americana.

Comunicação como ferramenta política nos movimentos sociais

A comunicação se transformou muito durante toda história e, desde o final do século XX com o avanço das técnicas de informação, expandiu-se a ponto de formar uma rede global. Com essas transformações, a midiaticização social também se intensificou.

A comunicação é uma ferramenta que os movimentos sociais utilizam com propósitos tais como: desmistificar, difundir ideologias, transformar reivindicações em realidades, garantir aliados, entre outras. Barbalho escreve que “a comunicação sempre foi percebida e utilizada como mero instrumento do campo político” (2005, p. 35), ou seja, a comunicação é imprescindível para o exercício social.

A dinâmica comunicacional e midiática pode mudar de acordo com a distribuição de canais de televisão, rádio, internet. Sabemos que, no contexto brasileiro, grandes conglomerados de mídia ainda pertencem a poucos grupos. A informação então se torna uma ferramenta do capitalismo globalizado, como explica Milton Santos

Tiranía do dinheiro e tiranía da informação são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado. Sem o controle dos espíritos seria impossível a regulação pelas finanças. Daí o papel avassalador do sistema financeiro e a permissividade do comportamento dos atores hegemônicos, que agem sem contrapartida, levando ao aprofundamento da situação, isto é, da crise. (SANTOS, 2000, p.17)

Movimentos sociais lidam também com os interesses particulares das mídias sociais e canais de comunicação, sendo isso mais uma barreira para ter visibilidade. Vivemos em uma sociedade midiaticizada, onde as relações são intermediadas por redes de informação.

<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/26/residencial-cambridge-11-anos-apos-ocupacao-antigo-hotel-de-luxo-no-centro-de-sp-vira-conjunto-de-moradias-populares.ghtml>> Acesso em 5 de fevereiro de 2023.

[...] é a mídia que nos dias de hoje detém o maior poder de dar voz, de fazer existir socialmente os discursos. Então, ocupá-la torna-se a tarefa primordial da política da diferença, dando vazão à luta das minorias no que ela tem de mais radical (no sentido de raiz): poder falar e ser ouvida. (BARBALHO. 2005, p. 35)

O poder de falar e ser ouvida é exercido pela Ocupação 9 de Julho a partir das redes sociais de seus projetos: a Cozinha da Ocupação, Cine Ocupa e Casa Verbo; de sua liderança: Carmen Silva; Preta Ferreira, uma ativista do MSTC com grande visibilidade midiática, e tem como principal parceiro o Jornalistas Livres, um canal de mídia independente. Dessa forma a Ocupação ganhou espaço nas redes, chamando atenção da mídia e criando possibilidades para que mais pessoas conheçam a ocupação por dentro. É preciso que os movimentos sociais possam dizer por eles e foi essa a forma que o MSTC encontrou para dizer a verdade sobre si, sem contar com o que a grande mídia já falseou sobre o movimento. Abaixo vemos os principais perfis no Instagram de aliados ao MSTC e de seus projetos.

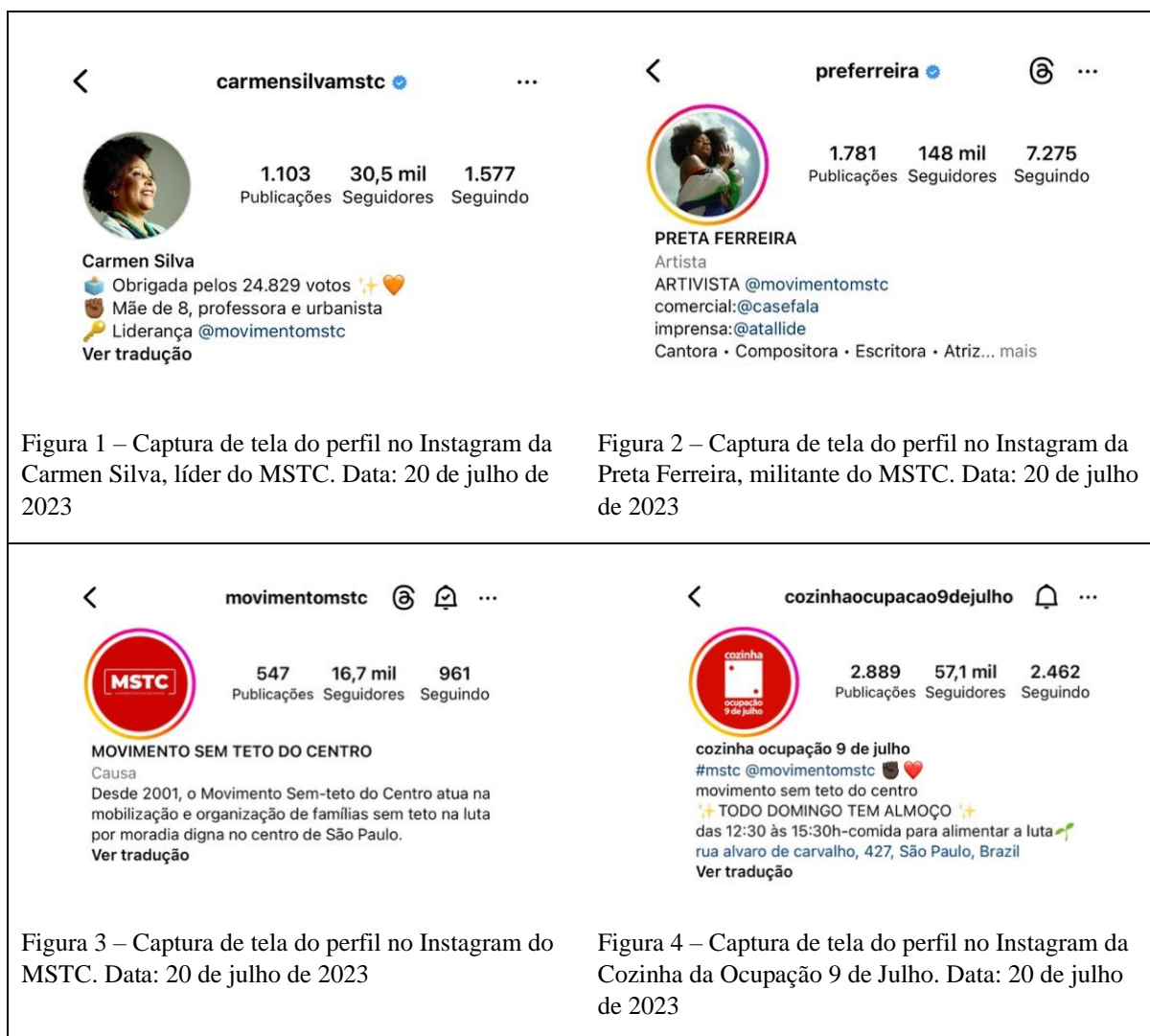


Figura 1 – Captura de tela do perfil no Instagram da Carmen Silva, líder do MSTC. Data: 20 de julho de 2023

Figura 2 – Captura de tela do perfil no Instagram da Preta Ferreira, militante do MSTC. Data: 20 de julho de 2023

Figura 3 – Captura de tela do perfil no Instagram do MSTC. Data: 20 de julho de 2023

Figura 4 – Captura de tela do perfil no Instagram da Cozinha da Ocupação 9 de Julho. Data: 20 de julho de 2023



A tentativa de criminalização dos movimentos através da mídia é histórica e com a concentração de poder midiático em grandes conglomerados de mídia isso se torna evidente. Um fato histórico que colocou luz na crise habitacional foi o incêndio e desabamento do prédio que era uma moradia popular, o Wilton Paes de Almeida, em maio de 2018¹⁸. Com essa tragédia a crise de moradia foi pauta em jornais e entre especialistas e, mesmo diante disso, o projeto de moradias populares que ficaria no mesmo local e abrigaria os antigos moradores ainda não começou, embora já tenham se passado após cinco anos¹⁹.

Demarchi (2017) escreve que a democratização da comunicação só irá ocorrer caso seja reduzida a concentração dos meios de comunicação, permitindo narrativas que não priorizam grandes atores comerciais. Com isso, a comunicação se torna um espaço de disputa e resistência entre movimentos sociais e a hegemonia. Um dos exemplos é o uso do termo “invasão” ao invés de “ocupação”, deslegitimando movimentos sociais de moradia ao passo que fortalecem a ideia de propriedade privada. Movimentos sociais de moradia estão apenas em busca do cumprimento da Lei de Função Social da Propriedade Urbana²⁰.

Novas formas de comunicação se apresentam com o avanço das técnicas, mas também com as novas linguagens, com a subjetividade expressada no digital, com mudanças culturais e o acolhimento de novas formas de existir enquanto sociedade. Democracia comunicativa é o

¹⁸Rádio USP. Desabamento de prédio em São Paulo traz à tona a crise habitacional. Jornal da USP. São Paulo – SP. 3 de maio de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=164424>. Acesso em 20 de julho de 2023.

¹⁹ BERGAMIM, Giba. Cinco anos após queda de prédio no Centro, projeto da prefeitura para transformar em moradia popular não saiu do papel. G1 Globo. São Paulo – SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/01/cinco-anos-apos-queda-de-predio-no-centro-de-sp-projeto-da-prefeitura-para-transformar-area-em-moradia-popular-nao-saiu-do-papel.ghml>. Acesso em 20 de julho de 2023.

²⁰ BRASIL. Constituição (1988). Art. 182. § 2º. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

conceito elaborado por Young (1996 apud. Paiva; Barbalho, 2005, p. 59) que explica a importância de pensarmos uma democracia que abranja e reconheça expressões nos contextos em que elas existem. No centro de São Paulo, por exemplo, há um contexto único de como a cidade foi construída. A diferenciação pelo contexto existe e deve ser reconhecida numa democracia. Para Paiva e Barbalho, a democracia comunicativa constrói que “o objetivo do discurso, nessa nova versão da democracia, não é identificação mútua, mas o reconhecimento e abranger as diferenças.” (2005, p. 59); é trazer para o discurso e para as relações interpessoais os aspectos democráticos, respeitando as particularidades.

Movimentos sociais trabalham para ter uma estrutura discursiva de grupo, onde os membros entendem a importância do seu papel no movimento e a mídia comunitária oferece um “discurso reflexivo, organizado, aberto e público sobre o próprio grupo, sobre os Outros e sobre o mundo.” (PAIVA; BARBALHO, 2005, p. 201). Em outras palavras, é uma reflexão sobre o próprio lugar no mundo, sobre identificação com o grupo e território, construindo assim movimentos consistentes que se fortalecem com o tempo. Segundo o autor, essa é a busca por construção de sentido:

A importância dos discursos politicamente fundamentados e socialmente coerentes não se limita à sua capacidade de representação do real, mas sim de sua eficácia em produzir sentido e estabelecer o consenso necessário para a sobrevivência do grupo enquanto tal e a sobrevivência política e identitária de seus membros tanto dentro do grupo como no seu relacionamento diário com os diversos segmentos da sociedade na sua totalidade. (PAIVA; BARBALHO, 2005, p. 201)

No caso da Ocupação 9 de Julho, há uma busca de reconstrução de sentido, visto que a mídia tradicional tratou por muitos anos e algumas delas ainda persistem em incriminar movimentos sociais de moradia. Para essa reconstrução de sentido, a sistematização de experiências traz uma abordagem que possibilita uma troca entre pesquisador e participante com a intenção de que a pesquisa seja conduzida juntamente com as necessidades do movimento. Holliday (2006, p. 29) cita algumas possibilidades com a sistematização de experiências: ter conhecimento mais profundo da experiência que realizaremos com o intuito de contribuir com o movimento; compartilhar os aprendizados que potencialmente surjam com a experiência e conduzir a construção teórica os conhecimentos que surgirem na prática. Deste modo, buscou-se construir uma pesquisa que auxilie na comunicação da Ocupação 9 de Julho com o apoio das teorias até aqui apresentadas e com a participação ativa do participante da pesquisa.

2. O fenômeno

O Movimento Sem-Teto do Centro e seus projetos

Para explicar o Movimento Sem Teto do Centro é interessante passar pelas transformações históricas e contextos que geraram o movimento. Um marco importante é o processo de sindicalização das muitas fábricas que existiram na Mooca na década de 80 assim como outro apoio fundamental para que movimentos sociais ganhassem força na época eram as comunidades eclesiais de base, com a teologia da libertação²¹. Movimentos de moradia no centro de São Paulo advém da União das Lutas de Cortiços (ULC), formada na década de 80 por trabalhadores fabris da região da Mooca. Nesse processo, que se iniciou num sindicato de trabalhadores, constatou-se que as necessidades dos trabalhadores estavam atreladas principalmente à moradia (AQUINO, 2008. p. 32).

A ULC reivindicava moradia digna para os trabalhadores do centro, desmistificando que só existia pobreza nas periferias, porque a maioria desses trabalhadores vivia em cortiços no centro urbano. Segundo o site oficial da ULC²², a primeira mudança significativa para o movimento e para moradores de cortiços no centro de São Paulo foi a vitória de Luiza Erundina para prefeita entre 1989 e 1992. Com isso, iniciou-se o processo coletivo de construção de moradias populares no centro e a recuperação de cortiços já ocupados. Atualmente, as famílias antes atendidas pela ULC agora são pelo Movimento de Moradia do Centro (MMC), que coordena algumas ocupações e o movimento é filiado ao União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo e Interior (UMM). Com a conquista das primeiras moradias populares e de incentivos governamentais, outros movimentos foram surgindo, oriundos desse movimento inicial devido a questões ideológicas, partidárias e regionais.

Deve-se deixar claro que quando se fala dessa segmentação dos movimentos, não está se falando de diferentes coletividades homogêneas que atuam de maneira uníssona separadamente. As divergências que ocasionaram as divisões ocorreram entre suas lideranças, o que leva a uma percepção da relação desses movimentos principalmente enquanto coincidentes com as relações pessoais de seus líderes que acabam por orientar os discursos e práticas coletivas dos integrantes de seus movimentos. As lideranças, assim, tendem a acionar os movimentos enquanto sujeitos coletivos; quando os movimentos são acionados enquanto sujeitos de ação durante esse processo, eles devem ser pensados a partir de suas lideranças. (AQUINO, 2008. p. 43)

²¹Ver em página 34 da pesquisa de Aquino (2008)

²² União de Movimentos de Moradia São Paulo. São Paulo – SP. Disponível em: <https://sp.unmp.org.br/organi-zacao-interna/movimentos-filiados/regiao-central-unificacao-das-lutas-de-corticis-ulc/> Acesso em 12 de março de 2023.

O MSTC nasce em 2000 durante uma ocupação na zona leste e atua na capital São Paulo, não estando restringida apenas ao centro da cidade, mas em grande parte do território paulistano. Seu nome foi apresentado inicialmente em uma notícia de jornal²³, indicando que a mídia tratava do assunto e foi responsável também por moldar concepções sobre esse tipo de movimento. Sua principal bandeira política é a reivindicação por moradias na região central e fazem isso realizando ocupações em prédios abandonados a fim de que seja contemplado com algum programa habitacional. Segundo Aquino, “a institucionalização ou formalização do MSTC, assim como parece ocorrer com os outros movimentos de moradia, como algumas narrativas à frente mostrarão, é posterior ao início das atividades da coletividade” (2008, p. 31). A luta por uma moradia é intrínseca à sobrevivência e se avoluma de acordo com a divisão de classes e a retirada de direitos (um deles, a moradia). Com esse avolumamento, há uma necessidade de organização em grupo e o que, em primeiro momento, foi um ato orgânico se torna um movimento social.

O MSTC é organizado entre regiões, são formados grupos de base a fim de trazer novos membros para o movimento e difundir conhecimentos sobre direitos à moradia própria. Conta com o apoio de igrejas, centros comunitários, associações de bairros para ter o contato com esses grupos que estão em regiões não-centrais e para realizar assembleias e reuniões em seus espaços. No primeiro encontro dessa pesquisa a Participante 1²⁴, líder do MSTC apresentou uma breve explicação sobre a estrutura do movimento hoje, com coordenadores, seguido de mediadores, assistentes sociais e serviços básicos dos equipamentos públicos como o CRAS e as UBS. Além disso, o movimento conta com apoiadores independentes na área de cultura para os eventos e agroecologia na horta da ocupação. A cozinha da ocupação tem uma rede de pequenos agricultores que fornecem alimentos, além das doações do MST. Na área de mídia, Jornalistas Livres e Mídia Ninja são grandes parceiros, que segundo a Participante 1, fazem um contraponto à mídia tradicional em relação à movimentos sociais de moradia. Um projeto do MSTC faz a organização desses grupos de base, chamado Casa Verbo, criado em 2020. Em 2008, data da dissertação de Aquino (2008), a Casa Verbo ainda não existia, mas a estrutura de grupo de bases nas periferias de São Paulo sim. Atualmente a Casa Verbo conta com uma rede de parcerias com mais de 140 entidades da sociedade civil.

²³ Ver página 49 da dissertação “A coletivização como um processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC)” de Aquino (2008), onde um dos fundadores do movimento narra como se deu a escolha do nome e o seu registro.

²⁴ Grupo focal ocorrido no dia 4 de fevereiro de 2023 na Ocupação 9 de Julho em São Paulo.

A Casa Verbo também é a responsável por distribuir refeições que são feitas aos domingos na Ocupação 9 de Julho nas comunidades de São Paulo e quem intermedia esse contato da Casa Verbo com as comunidades são líderes religiosos da região a ser atendida, presidentes de associações de bairro, líderes culturais, entre outros. A seguir, uma transcrição sobre o que é a Casa Verbo, como surgiu e como ela atua no MSTC:

Em março de 2020, como um projeto do MSTC, nasce o Casa Verbo com o objetivo de fortalecer comunidades vulneráveis fomentando conhecimento sobre o direito à moradia digna, bem como incidindo politicamente em favor da plena efetivação desse direito e direitos relacionados. O projeto Casa Verbo busca, a partir da questão habitacional, desenvolver projetos empregando tecnologias com participação social que tem como escopo: o empreendedorismo e a capacitação de mulheres e jovens; segurança alimentar e saúde; acesso à cultura, educação, cidadania a partir da regularização documental; entre outros. Para tanto, suas atividades estão divididas em dois grandes eixos: compartilhamento de tecnologias sociais e incidência em políticas públicas. (Participante 2 - informação verbal)²⁵

Sobre parceria com redes privadas, o MSTC garante parcerias com universidades a fim de oferecer bolsas para membros do movimento e para contribuir com pesquisas que dão retorno às ocupações. Além disso, o movimento conta com uma rede que avalia vagas de empregos e encaminha seus membros para concorrer a essas vagas.

A Ocupação 9 de Julho é onde se concentra outros projetos do MSTC. Essa ocupação tem uma história de ocupações e despejos até se estabelecer em 2016 em uma ação coordenada juntamente com a Frente de Luta por Moradia (FLM) quando foram ocupados 31 terrenos e prédios sem função em São Paulo (FERRARI, 2019, p. 48).

²⁵Em uma apresentação da Participante 2 ao Insper em 2021 na cidade de São Paulo. Para esse artigo a pesquisadora teve acesso à apresentação digital transmitida.



Figura 7 – Foto do dia da ocupação do prédio na Avenida Nove de Julho. Foto: Bruno Santos/ FolhaPress: Folha de São Paulo. Data: 31 de outubro de 2016.

Figura 8 – Foto do dia da ocupação do prédio na Avenida Nove de Julho. Foto: Bruno Santos/ FolhaPress: Folha de São Paulo. Data: 31 de outubro de 2016.



Figura 9 – Foto da entrada da Ocupação 9 de Julho atualmente. Foto: reprodução <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>. Data: 25 de junho de 2023



Figura 10 – Foto da entrada da Ocupação 9 de Julho atualmente. Foto: reprodução <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/> Data: 25 de junho de 2023



Figura 11 – Foto da área do almoço de domingo da Ocupação 9 de Julho. Foto: reprodução <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/> . Data: 25 de junho de 2023



Figura 12 – Foto do bazar da Ocupação 9 de Julho. Foto: reprodução <https://www.instagram.com/cozinhaocupacao9dejulho/>. Data: 25 de junho de 2023

O MSTC revitalizou o prédio e deu novas funções para seus espaços, como é possível de se observar pelas imagens acima os mesmos lugares no dia da ocupação e atualmente. A Cozinha da Ocupação 9 de Julho é o principal meio para gerar visibilidade à luta por moradia e, desde 2017, há almoços abertos, em que um chef experiente e muitas vezes com visibilidade midiática é convidado para ofertar refeições numa ação voluntária. Segundo o site oficial da Cozinha²⁶, a intenção é que moradores usufruam dos eventos e que visitantes conheçam de perto o trabalho e a luta do movimento. CineOcupa é um dos outros eventos da Ocupação 9 de Julho, toda quarta-feira acontece uma sessão de cinema gratuita e um debate pós filme, a curadoria é feita pela organização da ocupação e quem está a frente do projeto é o Participante 3. Há também a Horta da Ocupação onde os alimentos produzidos abastecem a cozinha e uma composteira coletiva cuidada por moradores e voluntários. O brechó da Ocupação compõe uma das lojas que estão alocadas naquele endereço, além da marca de roupas do próprio movimento e lojas apoiadoras como a Alastra.

A Ocupação 9 de Julho é um organismo vivo e muito ativo, muitos projetos já passaram por ali e outros não conseguem ser colocados em ação justamente por falta de tempo e voluntários, segundo narrou a Participante 1 na roda de conversa realizada em 4 de fevereiro de 2023. As mãos que lutam pelo movimento trabalham principalmente pelo seu propósito inicial - a luta por moradia; então projetos secundários que, com certeza, ajudariam na visibilidade do movimento, ficam guardados. Mesmo com esses percalços, a Ocupação 9 de Julho já é reconhecida como local de troca cultural e de encontros, e os moradores são assessorados com assistente social e serviços de saúde fornecidos pelo governo.

O MSTC age de forma ampla pela cidade de São Paulo e recebe apoio de outros movimentos sociais e iniciativas privadas. A Participante 1 explicou que ela entendeu o que o MSTC e seus membros são melhores e mais fortes quando recebem esses apoios. Cada movimento social e iniciativa privada contribui com o que pode oferecer como é o caso, por exemplo, do MST que doa parte de sua produção para a cozinha da Ocupação; ou das faculdades privadas que oferecem bolsas de estudos. Quem organiza e distribui esses recursos é a Participante 2, coordenadora da Ocupação que esteve em contato durante toda a pesquisa. A Participante 2 organiza notas fiscais das doações de empresas privadas, guarda fichas em que organiza de quem recebe doações de alimento através da Casa Verbo e faz um trabalho de

²⁶Movimento Sem-Teto do Centro. São Paulo. Disponível em: <https://www.cozinhaocupacao9dejulho.com.br/pagina/sobre-a-cozinha-da-ocupacao-9-de-julho-mstc.html>. Acesso em 12 de março de 2023.

solicitação de novos apoios quando necessário. Cada membro tem uma função, mas o que estabelece o que devem fazer e quando são as necessidades do grupo.

3. Sistematização de experiências na Ocupação 9 de Julho do MSTC

Nessa pesquisa o primeiro contato com a Ocupação foi com o Participante 3. A partir disso, no dia 4 de fevereiro de 2023 foi realizada uma roda de conversa na Ocupação 9 de Julho onde conversamos com três participantes ativos no Movimento Sem-Teto do Centro, entre eles uma liderança do MSTC, uma liderança da Ocupação 9 de Julho e um ativista colaborador cultural do MSTC. Com a metodologia da sistematização em cinco tempos, a pesquisadora relata as motivações de cada momento do processo e como foi vivenciado:

A) O ponto de partida

Neste primeiro tempo é sugerido que o pesquisador já tenha vivenciado a experiência de alguma maneira, ou seja, já tenha alguma relação construída antecedente a sistematização. Nesse caso, a relação da pesquisadora com a Ocupação 9 de Julho começa em 2018, quando houve a primeira visita, participando do evento de domingo. Depois disso, outras visitas aconteceram, mas tiveram uma pausa por conta da pandemia de Covid-19, quando os eventos presenciais cessaram por tempo indeterminado. Essa relação com a Ocupação 9 de Julho foi apoiada por outras relações que foram construídas ao longo dos anos com membros do movimento e com outros movimentos, como o MST.

Além desses exemplos, a pesquisadora vivenciou a militância no ativismo de comunicação na Mídia Ninja em 2017. Com essa nova aproximação ao MSTC, a intenção é que houvesse troca, como ocorreu durante o processo dessa pesquisa. Ainda no ponto de partida, o autor sugere que essas experiências tenham sido registradas de alguma forma, então percepções externas ao movimento contribuíram para que essa sistematização tomasse forma juntamente com os participantes.

B) As perguntas iniciais

No segundo tempo, são entendidos os motivos para sistematizar, qual o sentido e o que se espera como resultado. Este momento ocorreu no primeiro encontro, onde

a pesquisadora e orientadora foram recebidos pelos participantes (1, 2 e 3). Aconteceu, primeiramente, com as apresentações e com a apresentação da pesquisa, deixando claro com o que de melhor a pesquisadora, como profissional de comunicação, e o artigo poderiam contribuir. Nessa etapa, todos já sabiam que a pesquisa contribuiria melhor no aspecto da comunicação. A partir disso, a pergunta-chave foi feita: A cozinha aberta tem o papel de descriminalizar o movimento? Na sequência, definiu-se qual ação seria interessante sistematizar.

Isso foi identificado a partir de uma fala da Participante 1:

“as vezes as pessoas olham só o almoço de domingo né... como um... mero comercial... e não é gente. É... o intuito do almoço de domingo, além de fazer toda essa integração com a cidade a gente também... vai o almoço pra comunidade, né então a gente sempre tem duas, três comunidades aos domingos que vai 400, 500 marmitas né, com a base e a gente sempre procura fazer uma comida que seja realmente um almoço de domingo, muitas vezes não dá pra acompanhar ser o prato principal, mas a gente tá sempre fazendo a mesma base do que vai ser o almoço que tá sendo vendido aqui. Nós não queremos ser mais um distribuindo comida nas ruas de São Paulo, então a gente escolheu mandar pra um almoço de domingo, pra que a família possa comer na sua casa.”

(Roda de conversa na Ocupação 9 de Julho, 4 de fev. de 2023) (PARTICIPANTE 1)

Ou seja, uma das principais motivações de manter a cozinha aberta aos domingos era invisibilizada: a doação de marmitas, a cada refeição que alguém compra, outra refeição igual era doada para comunidades em São Paulo. Essa ação é intermediada e organizada pela Casa Verbo, um dos projetos do MSTC. Foi definido que o objetivo era construir um material gráfico com os números de refeições que foram doadas no ano de 2022 para que, posteriormente, fosse transformado em divulgação para redes sociais.

C) Recuperação do processo vivido

No terceiro tempo, sugere-se que haja uma reconstrução do que foi vivido nos primeiros momentos com ordenação de informações. Nesta etapa, houve um segundo encontro com a Participante 2 na Ocupação 9 de Julho a fim de iniciar o que foi proposto em uma última reunião. Entende-se que o processo de comunicação como resistência foi analisado de forma coletiva e, a partir disso, foram identificadas demandas e lacunas, como também a necessidade de recuperar dados e digitalizá-los, uma vez que os dados de doações de refeições são armazenados em fichas físicas no arquivo da ocupação. Portanto, a pesquisa

contribuiu para essa análise do processo de organização para uma posterior reflexão do movimento e definições de qual caminho seguir. Com essa tarefa, a coleta de dados e a sua digitalização foi iniciada com o intuito de produzir o “Relatório anual da Casa Verbo”, de maneira que fosse feita online para que nos próximos anos esse trabalho tenha constância.

D) A reflexão de fundo

O quarto tempo do processo de sistematização consiste em uma reflexão e análise sobre o processo e, segundo Holliday (2006), é necessário localizar tensões e contradições que marcaram o processo. Nesta etapa, a pesquisadora digitalizou e analisou os dados que foram disponibilizados no segundo encontro na Ocupação 9 de Julho. O dado mais concreto contabilizado foi o número total de doação de refeições, sendo 9.385 refeições no ano de 2022 de acordo com as 84 fichas analisadas. Com isso, já era possível iniciar o relatório da Casa Verbo, porém em alguns dados havia inconsistências tais como a localização onde foram entregues as refeições. A inconsistência nos dados se dava pela natureza do processo de doação de refeições. As doações chegam às comunidades através de líderes dos bairros (associações, líderes religiosos, organizações de cultura), porém o cadastro dessas organizações é físico e individual. Cada líder recebe uma ficha que é preenchida a cada doação e as lacunas a serem preenchidas nessas fichas são incompreensíveis para maior parte dos assinantes e, com isso, há irregularidade nas respostas.

Uma descoberta foi feita nessa etapa do processo, em julho 2020, quando foram produzidos materiais de comunicação com os números de doações de alimentos e refeições de abril, maio e junho de 2020, inclusive com mapas - instrumento que representa imagetivamente a abrangência do movimento, sendo um potencial em termos de comunicação. Ou seja, constatou-se que o material já existia e precisava ser atualizado. Uma das ferramentas recomendadas por Holliday (2006) é um roteiro de perguntas críticas para retomar a lógica e o sentido da experiência. As perguntas feitas foram:

- Apenas o número total de refeições doadas seria suficiente para produzir um material de divulgação intitulado “Relatório 2022 da Casa Verbo”?
- Quem foi responsável por mapear e contabilizar a doação de refeições nos três meses de 2020? Como foi feito?
- Quem é responsável pelo site e manutenção das redes sociais da Casa Verbo?

E) Os pontos de chegada

A pesquisa teórica e a sistematização de experiências foram ferramentas que deram base para afirmar que a Ocupação 9 de Julho, a cozinha aberta aos domingos e os eventos culturais que acontecem no local auxilia no processo de desmistificação do movimento, gerando engajamento do público frequentador e, conseqüentemente, chamando atenção do poder público para a pauta de moradia popular. Consta-se também que algumas ações e projetos do MSTC como a doação de alimentos para periferias de São Paulo e a Casa Verbo são invisibilizadas pela falta de divulgação e estruturação dos dados. O MSTC conta com o apoio de pessoas que trabalham voluntariamente em ações de comunicação e, em razão disso, há lacunas na comunicação, pois a atenção total do movimento muitas vezes é voltada para a sua força motriz - a moradia popular para todos - e outras frentes perdem constância.

Algumas ações de melhoria sugeridas foram: 1) explicitar melhor as lacunas a serem preenchidas nas fichas cadastrais de retirada de refeições. Uma das problemáticas encontradas na contabilização dos dados era sobre a localização (“Localidade”), algumas pessoas preenchiam a cidade, ou o bairro ou a organização/pessoa responsável pela distribuição; 2) Reunir, mesmo que *online*, pessoas e instituições que já trabalharam na contabilização de dados e nos materiais de divulgação para que haja compartilhamento de ideias e de arquivos a fim de manter uma perenidade e um histórico para então estruturar digitalmente um modelo de trabalho em comunicação; 3) A partir dessas duas primeiras etapas, entender como as ações da Casa Verbo podem ser divulgadas baseado em uma estratégia de comunicação.

4. Considerações finais

O Movimento Sem-Teto do Centro tem uma construção histórica coletiva através de movimentos de moradia como a União das Lutas de Cortiços (ULC). Seu desenvolvimento se deu a partir da ação, ocupando prédios em desuso no centro de São Paulo e organizando ações coletivas junto aos membros. A fragmentação dos movimentos sociais se deu por divergências políticas e ideológicas e, apesar de serem movimentos sociais, nem todos os aspectos são alinhados a decolonialidade. Mudar ou inverter a lógica social são coisas diferentes que devem ser consideradas quando um movimento social é colocado em pesquisa. Nesse caso, observamos que no MSTC há o questionamento sobre padrões de vida e o foco na crise habitacional que toma o centro de São Paulo, porém há o estabelecimento de hierarquias entre os membros e há divergências entre outros movimentos sociais de moradia.

Movimentos sociais expõem lacunas e omissões governamentais, tensionam o poder público a fim de dar vazão às demandas de seus membros e aliados. Inverter ou mudar a lógica social é um caminho para que essas demandas sejam cumpridas. Em países que foram explorados através da colonização, a lógica implementada é principalmente a divisão desigual da terra a fim de garantir a exploração e a dependência de parte da população. Mais tarde essa história se moderniza, os parâmetros de tempo/espaço mudam, porém a lógica da colonialidade permanece.

O Movimento Sem-Teto do Centro e toda população menos abastada foi atingida pelo Neodesenvolvimentismo antiurbano, denominado por Colosso. Essa dinâmica segregou a população através de políticas habitacionais pensadas por princípios financeiros e não sociais, afastou a população do centro e, junto a isso, incluiu perversamente a população. Resumidamente, a gestão pública até pode fazer políticas habitacionais, mas nos parâmetros perversos que se originam na colonialidade. Apesar disso, o MSTC continua trabalhando para que a população seja incluída em locais que não estão em uso e que muitas vezes, passam décadas abandonados no centro de São Paulo. O movimento social procura garantir o acesso a meios culturais, saúde, oportunidades de emprego e educação para continuar construindo uma comunidade popular num território que sempre foi representado pelo povo trabalhador. Como vitória desse processo, o MSTC já garantiu, através do Minha Casa Minha Vida, a transformação de uma ocupação em um conjunto residencial de moradias populares - o prédio era ocupado há 11 anos e passou por uma reforma financiada pelo Governo Federal.

O MSTC tem muitas ações que impulsionam mais pessoas conhecerem o movimento de perto, além de parcerias com a mídia independente para que haja espaço para uma resposta

à mídia tradicional. Essa resposta e esse espaço midiático são importantes uma vez que a mídia tradicional foi responsável pela tentativa de criminalizar o movimento ao longo dos anos, segundo os participantes. O espaço midiático se torna um território de disputa e, com isso, um local importante para se fazer presente. Os almoços semanais na Ocupação 9 de julho promovidos pelo MSTC trouxeram grande visibilidade e voltou o olhar da população para o movimento de moradia. Com isso, o MSTC se torna um movimento com muitas frentes, promovendo eventos de arte, música, educação, cinema, gastronomia, além da mobilização periférica através do Casa Verbo.

No MSTC o senso de responsabilidade dos membros dá suporte para que o movimento continue em ação. Porém, foi identificado nesta pesquisa que a comunicação tem uma defasagem em sua estruturação, apoiadores entram e saem e com isso não há constância em algumas frentes do MSTC, principalmente frentes que dão apenas apoio e não são a base do movimento. A principal bandeira do MSTC, a luta por moradia popular no centro, tem muitas demandas urgentes e projetos secundários são deixados em segundo plano. Essa é uma estratégia de movimento que faz sentido e esta pesquisa buscou contribuir em uma frente reivindicada na presente pesquisa por parte do movimento: a comunicação de projetos que são invisibilizados pela demanda diária da Ocupação.

A sistematização de experiências deu suporte aos eventos que se seguiram e foi constatado que, para que o objetivo da sistematização fosse cumprido, seria necessária uma reavaliação de dados e uma aproximação de arquivos e pessoas que passaram por essa função. A partir dessa estruturação de dados, cria-se uma estratégia de comunicação para divulgar as ações da Casa Verbo, um projeto tão importante e abrangente do movimento. Na sistematização, não há um tempo mínimo ou um limite para que ocorra e esta metodologia propõe relacionamento com o movimento a ser sistematizado. A proposta é que este trabalho ocorra paralelamente a essa pesquisa por questões de retribuição a esse acolhimento feito pelo MSTC para realizar este artigo.

Conclui-se que o Movimento Sem-Teto do Centro é um exercício da decolonialidade na modernidade nos aspectos colocados em foco nesta pesquisa, pois tensiona a lógica hegemônica e propõe formas alternativas de viver. A democracia comunicativa é um conceito presente na forma de se relacionar dentro das ocupações de moradia e, a partir do constatado nesta pesquisa através da sistematização, foi possível reconhecer tecnologias de comunicação aplicadas nas dinâmicas de convivência como também nas assembleias para tomada de decisões. As ações realizadas pelo MSTC, como a abertura da Ocupação 9 de Julho, promovem

que novos e concretos olhares se voltem à causa do movimento, dando oportunidade ao MSTC de escrever sua própria história de luta, orgulho e legitimidade.

Referências bibliográficas

AMARAL E SILVA, F. F. do; MACIEL, L. M. **A experiência dos movimentos socioterritoriais na América Latina: relatos de um estudo de caso ampliado entre São Paulo e Buenos Aires.** Revista Nera, [S. l.], n. 61, p. 61–86, 2021. DOI: 10.47946/rnera.v0i61.9096. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/9096>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2023.

AQUINO, Carlos Roberto Filadelfo de. **A coletivização como um processo de construção de um movimento de moradia: uma etnografia do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC).** Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr. 2008 201 f. Dissertação Mestrado – Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-30072009-164617/pt-br.php> Acesso em: 14 de abril de 2023.

Atados. **MSTC – Movimento Sem Teto do Centro. São Paulo.** Sem data. Disponível em: <https://www.atados.com.br/ong/mstc/sobre> Acesso em: 5 de janeiro de 2023.

BERGAMIM, Giba. **Cinco anos após queda de prédio no Centro, projeto da prefeitura para transformar em moradia popular não saiu do papel.** G1 Globo. São Paulo – SP. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/01/cinco-anos-apos-queda-de-predio-no-centro-de-sp-projeto-da-prefeitura-para-transformar-area-em-moradia-popular-nao-saiu-do-papel.ghtml>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. MALDONADO-TORRES, Nelson. GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** São Paulo: Editora Autêntica, 2018.

BITAR, Renata. **Residencial Cambridge: 11 anos após ocupação, antigo hotel de luxo no Centro de SP vira conjunto de moradias populares.** Portal G1. São Paulo. 26 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/26/residencial-cambridge-11-anos-apos-ocupacao-antigo-hotel-de-luxo-no-centro-de-sp-vira-conjunto-de-moradias-populares.ghtml> Acesso em: 5 de fevereiro de 2023.

BRASIL. **Constituição (1988).** Art. 182. § 2º. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. RIZEK, Cibele Saliba, (org.). Direito à cidade e direito à vida: perspectivas críticas sobre o urbano da contemporaneidade. In: COLOSSO, Paolo. **O lugar do direito à cidade em tempos de barbárie: pensar entre escalas e reconquistar o futuro.** 23 ed. – São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. p. 203-230. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/893> Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

DEMARCHI, C. H. **Movimentos sociais e democratização da comunicação no Brasil: desafios contemporâneos.** Revista Extraprensa, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 278-293, 2017. DOI:

10.11606 /extraprensa2017.139703. Disponível em: [https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article /view/139703](https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/139703). Acesso em: 20 maio de 2023.

FERRARI, Erica Regina. **De terra, pedra e palavra/ocupação-monumento**. Orientador: Prof. Dr. Martin Grossmann. 2019 69 f. Dissertação (Pós-graduação) – Artes Visuais, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-22112019-123043/en.php>> Acesso em: 14 de abril de 2023.

GARCÍA, Maria Fernanda. **Brasil foi o último país do continente a abolir a escravidão**. Observatório do Terceiro Setor, São Paulo - SP, 13 de maio de 2022. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/noticias/brasil-foi-o-ultimo-pais-do-continente-americano-a-abolir-a-escravidao/#:~:text=Brasil%20foi%20o%20C3%BAltimo%20pa%C3%ADs%20do%20continente%20americano%20a%20abolir%20a%20escravid%C3%A3o,-Maria%20Fernanda%20Garcia&text=A%20Lei%20C3%81urea%2C%20oficialmente%20Lei,ilegal%20a%20escravid%C3%A3o%20no%20Brasil>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

HOLLIDAY, Oscar Jaara. **Para sistematizar experiências**. Brasília – DF: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <<http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/oscar-jara-para-sistematizar-experic3aancias1.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão Social e a Nova Desigualdade**. São Paulo: Paulus, 1997.

MEYER, Regina. PEREIRA GALVAO, Roberta Fontan. e RUBIO LONGO, Marlon. **São Paulo e suas escalas de urbanização: cidade, metrópole e macrometrópole**. Revista Iberoamericana de Urbanismo, n. 12, p. 7-31, dezembro de 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2117/85631>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

MEDEIROS, Ana Paula. **Novo boom imobiliário na cidade de São Paulo apaga uma camada histórica importante**. Jornal da USP, São Paulo, 1 de agosto de 2022. Seção Atualidades. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/novo-boom-imobiliario-na-cidade-de-sao-paulo-apaga-uma-camada-historica-importante/>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2023.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro - vol. 32, nº 94, p. 1-18, junho, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=p>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2022.

MOISÉS, José Álvaro. **Colocar governo em xeque é fundamental para a democracia**. Jornal da USP. São Paulo – SP. 11 de julho de 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=100024>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023.

Movimento Sem-Teto do Centro. São Paulo. Disponível em: <https://www.cozinhaocupacao9dejulho.com.br/pagina/sobre-a-cozinha-da-ocupacao-9-de-julho-mstc.html>. Acesso em: 12 de março de 2023.

PAIVA, Raquel. BARBALHO, Alexandre. (org.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

Rádio USP. **Desabamento de prédio em São Paulo traz à tona a crise habitacional**. Jornal da USP. São Paulo – SP. 3 de maio de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=164424>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SAWAIA, Bader. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para um método comunicacional**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2014.

SVAMPA, Maristella. **Movimientos sociales y escenario político: las nuevas inflexiones del paradigma neoliberal en América Latina**. Observatorio Social de América Latina - CLACSO, 2007

União de Movimentos de Moradia São Paulo. São Paulo – SP. Disponível em: https://sp.unmp.org.br/organi_zacao-interna/movimentos-filiados/regiao-central-unificacao-das-lutas-de-corticos-ulc/ Acesso em: 12 de março de 2023.

WESTIN, Ricardo. **Há 170 anos, Lei de Terras oficializou opção do Brasil pelos latifúndios**. Agência Senado. Brasília - DF. 14 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/ha-170-anos-lei-de-terras-desprezou-camponeses-e-oficializou-apoio-do-brasil-aos-latifundios#:~:text=No%20Segundo%20Reinado%2C%20o%20Brasil,e%20n%C3%A3o%20em%20pequenas%20propriedades>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

APÊNDICE A – Lista de abreviaturas

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

FLM – Frente de Luta por Moradia

MSTC - Movimento Sem-Teto do Centro

MMC – Movimento de Moradia do Centro

UBS – Unidade Básica de Saúde

ULC - União das Lutas de Cortiço

UMM – União dos Movimentos de Moradia da Grande São Paulo e Interior

APÊNDICE B – Exemplo do termo de consentimento livre e esclarecido que foi assinado por cada um dos participantes da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

III. [Para os sujeitos participantes da pesquisa]

Concordo em participar, como voluntário/a, da pesquisa intitulada **Comunicação, cultura e resistência: um estudo de caso da Ocupação 9 de julho a partir da analítica decolonial**, que tem como pesquisador/a responsável Myrian Luisa Cipriano, aluno/a do curso de Mídia, informação e cultura (pós-graduação lato sensu) do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Universidade de São Paulo, orientado/a por **Prof(a). Dr(a). Fabiana Felix do Amaral e Silva**, os/as quais podem ser contatados/as pelo e-mail fabiana.amaral@gmail.com. O presente trabalho tem por objetivos: Como o Movimento Sem-Teto do Centro utiliza da cozinha aberta aos domingos para descriminalizar o movimento; se o MSTC é um exercício da decolonialidade na modernidade e identificar potenciais em comunicação. Minha participação consistirá em uma roda de conversa realizada na Ocupação 9 de Julho. Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Nome e Assinatura

Local e data.

São Paulo, _____ de _____ de 2023.